

**Nietzsche e o ensino-aprendizado de filosofia:
a necessidade do encontro para a comunicação dialógica**

**Nietzsche and the Teaching and Learning of Philosophy: the Requirement
of the Meeting to the Dialogic Communication**

Rita Couto¹, Cristie Campello²

Resumo: A pandemia causada pelo novo coronavírus impactou diretamente na vida das pessoas. Para que o contágio da doença fosse controlado, o governador do Estado do Rio de Janeiro decretou o isolamento social. Dessa forma, as instituições de ensino tiveram que fechar suas portas e o estado decidiu implementar o ensino remoto nas escolas públicas de ensino médio. Apesar de concordar que o ensino remoto seria uma solução para não prejudicar o aprendizado do aluno, como professora de filosofia da rede pública do Estado do Rio de Janeiro, identifiquei, pelo menos, dois problemas: primeiro, não é possível aprender e ensinar filosofia de forma efetiva exclusivamente por meio de ferramentas digitais; e segundo, essa modalidade de ensino não alcança todos os envolvidos. Para demonstrar esse entendimento, analiso os escritos de Nietzsche, sobre a crítica da dualidade *corpo e mente*. A partir disso, reflito sobre a importância do encontro no ensino-aprendizado de filosofia, propondo um espaço de comunicação dialógica em que é possível reconhecer a diferença, estimular a criação e promover a autossuperação.

Palavras-chave: Filosofia; Nietzsche; Encontro; Educação; Comunicação.

Abstract: The pandemic caused by the new coronavirus directly impacted people's lives. In order to control the contagion's spread, the government of Rio de Janeiro enforced social isolation.

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), linha de pesquisa Políticas, História e Cultura em Educação, com orientação do Dr. Miguel Angel Barrenechea, e atualmente doutoranda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), linha de pesquisa estética, orientada pela Dr^a Maria Helena Lisboa da Cunha.

² Graduada em Comunicação Social pela Faculdade Hélio Alonso (FACHA), mestre em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), linha de pesquisa Memória e Subjetividade, com orientação do Dr. Miguel Angel Barrenechea, e Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), linha de pesquisa Memória e Espaço, orientada pelo Dr. Sergio Pereira da Silva.

Educational institutes had to close their doors, and the state decided to implement remote teaching on public high schools. Although I agree that remote teaching would be a solution to keep students virtually in school, I notice at least two problems as a philosophy teacher for the state: first, it is not possible to learn and teach philosophy effectively exclusively through digital tools; and second, the system is not universally accessible. To demonstrate this view, I analyse Nietzsche's writings on body and mind duality. From this, I reflect on the importance of physical presence for the teaching and learning of philosophy, and I propose a space for dialogical communication that allows us to recognize the difference, encourage creativity and promote self-reliance.

Keywords: Philosophy; Nietzsche; Meeting; Education; Communication.

1. Introdução

Mas o que sempre necessitei mais urgentemente, para minha cura e restauração própria, foi a crença de não ser de tal modo solitário, de não ver assim solitariamente – uma mágica intuição de semelhança e afinidade de olhar e desejo, um repousar na confiança da amizade, uma cegueira a dois sem interrogação nem suspeita, uma fruição de primeiros planos, de superfícies, do que é próximo e perto, de tudo o que tem cor, pele e aparência.

Friedrich Nietzsche, 2008.

Diante de uma pandemia causada pelo novo coronavírus, a possibilidade de contágio nos impôs o isolamento social. De forma repentina, tivemos que transformar os hábitos cotidianos, o que afetou nossas relações sociais de diversas formas. A educação escolar foi uma dessas relações sociais afetada pela nova realidade. Com as escolas fechadas, o governo do Estado do Rio de Janeiro resolveu recorrer a ferramentas tecnológicas para a comunicação remota e instituiu um projeto de ensino-aprendizado a distância durante esse período³. Porém, diante desse cenário, o projeto foi imposto deliberadamente, sem que houvesse a participação da comunidade escolar.

³ Na data de 16 de março de 2020, o governador em exercício do Estado do Rio de Janeiro decretou isolamento social, proibindo a abertura de todos os serviços considerados não essenciais, incluindo as instituições de ensino da educação básica. Isso ocorreu devido à pandemia de Covid-19 causada pelo novo coronavírus. Com isso, o Estado iniciou um projeto de “educação remota” nas escolas públicas do Rio de Janeiro.

O ensino remoto dispensa o encontro físico entre os envolvidos. No entanto, tendo em vista que o ensino-aprendizado de filosofia acontece na comunicação dialógica entre os envolvidos, o encontro é indispensável. Nesse tipo de comunicação, a abordagem de diferentes perspectivas possibilita um pensamento crítico e criativo que leva ao questionamento, cerne da filosofia. Por isso, é preciso que os professores e os alunos troquem conhecimentos na interatividade, que ocorre de forma mais intensa e afetiva na metodologia presencial.

Com base nos escritos de Nietzsche⁴, questiono a pretensa proposta educacional vigente de implementar um ensino de filosofia formatado e, por consequência, um aprendizado massificado. Esse questionamento é norteado pelos seguintes pensamentos: seria possível aprender e ensinar filosofia somente por meio de ferramentas digitais? Essas ferramentas gerariam inclusão? Por fim, ainda seríamos humanos? Essas perguntas me levam a pensar sobre a problemática da exclusão dos diferentes, ou seja, da pretensa ilusão de implementar uma educação para todos por meio do ensino remoto, na educação básica⁵, não somente no momento atual, mas também no futuro. Isso mitigaria o encontro entre corpo e mente, o que causaria um obstáculo para uma completude da comunicação dialógica.

Para pensar a comunicação dialógica no ensino-aprendizado de filosofia, analiso três escritos de Nietzsche: primeiro, o aforismo 295, “O gênio do coração” (2014, p. 231-214); segundo, o prólogo do livro *A gaia ciência* (2007a, p. 9-15); e terceiro, o capítulo intitulado “Por que sou tão inteligente” no *Ecce Homo* (2017, p. 33-49). Diante desses escritos, apresento a perspectiva nietzschiana sobre a impossibilidade de separar corpo e mente. Assim, a relevância desse estudo decorre da necessidade de conjugar os sentidos às ideias no ensino-aprendizado de filosofia, impulsionando o desenvolvimento educacional para a diversidade, ensinando e aprendendo a filosofar por meio do encontro e do afeto.

Inicialmente, examino, com base no texto “O gênio do coração”, aforismo do livro *Além do bem e do mal* (*op. cit.*), as linguagens verbal e corporal. Nesse primeiro momento, destaco o encontro como a arte da reconciliação dessas duas linguagens. Em seguida, apoiada no prólogo do livro *A gaia ciência* (*op. cit.*), ressalto a questão do desenvolvimento de um saber

⁴ Marton (2010, p. 42-47) divide as obras de Nietzsche em três períodos, compreendendo as diversas etapas da filosofia do autor: a primeira, fase de juventude, caracterizada como “artística” (1870 a 1876); a segunda, denominada de “científica” (1876 a 1881); e a terceira, chamada de “consolidação da obra” (após 1881).

⁵ A educação básica no Brasil atualmente é formada por três etapas: educação infantil (de 0 a 5 anos), ensino fundamental (de 6 a 14 anos) e ensino médio (de 15 a 17). Ela é normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/1996.

alegre no ato de ensinar e aprender filosofia. Por fim, inspirada na noção de singularidade do capítulo “Por que sou tão inteligente”, na obra *Ecce Homo* (*op. cit.*), evidencio o pensar por si.

Assim, através de uma reflexão sobre a relação aluno e professor de filosofia nas escolas públicas, faço uma análise da dicotomia igualdade e diversidade. Nesse caminho, sigo um fio condutor para pensar sobre a linguagem verbal e corporal, no encontro e no afeto, relevantes na comunicação dialógica no ato de filosofar. Na chegada do nosso percurso, mas sempre em busca de outras encruzilhadas, procuro examinar a perspectiva nietzschiana do significado de “cultivo de si”, para dessa maneira pensar sobre a proposta de ensinar filosofia e de filosofar por meio do encontro com a diferença, com a criatividade e consigo, conectado à vida concreta, que é fluxo e refluxo.

2. O encontro com a diferença: linguagem verbal e linguagem corporal

No momento de ensinar e aprender filosofia ocorre a aproximação com o outro, que permite a troca de conhecimento. Essa proximidade corresponde a uma relação mútua que se estabelece por meio de linguagens. Por um lado, na linguagem verbal, acontece a troca de palavras; por outro, na linguagem corporal, ocorre a reação física. Marton (2010, p. 144) afirma que Nietzsche, ao examinar a origem da linguagem, compreende que: “no momento em que alguns indivíduos procuram viver gregariamente, surge a necessidade de fixar uma designação das coisas, cujo uso seja válido e obrigatório de maneira uniforme”. Então, a comunicação por meio da linguagem verbal, conforme a perspectiva nietzschiana, corresponde somente a um acordo arbitrário e estabelecido entre os homens para que eles se entendam entre si, pois a palavra não é decorrente do seu conteúdo conceitual e não está conectada à lógica. Para ele, “a linguagem tornou-se por toda a parte uma força que se basta a si mesma e que, como os braços de um fantasma, detém e impele os homens para onde eles não querem ir” (NIETZSCHE, 2009b, p. 70). Nesse sentido, a linguagem verbal é uma convenção social, uma padronização. Contudo, quando incluímos a linguagem corporal, os sentidos, que têm como pressuposto o corpo presente, falam pelas palavras. Assim, nessa união, concebe-se a diferença. Desse modo, a linguagem verbal deixa de ser um simples decifrar de signos padronizados, revelando a diversidade, representando no ato, no momento e no espaço, as experimentações, as trocas entre os diferentes, uma mistura entre a fala e o gesto.

No âmbito da sala de aula, quando as duas linguagens se juntam no ato de filosofar, acontece a união do corpo com a mente. Isso leva, no momento da comunicação dialógica, à

troca de saberes entre indivíduos. Essa troca é relevante na relação humana para a diversidade, pois, nesse momento, concebem-se ideias novas. Contudo, isso só será possível quando compreendermos que somos diferentes e capazes de ultrapassar nossas próprias dificuldades. Logo, a união dos sentidos com as ideias, no ato de ensinar e aprender filosofia, está relacionada à diferença e à mudança.

Nietzsche faz uma provocação quando, no texto “O gênio do coração” (*op. cit.*), descreve as seguintes ações que caracterizam esse gênio: ensinar a delicadeza, privilegiar a aparência, ser sincero e amar o saber. Ao apresentar essas características, o filósofo alemão nos surpreende revelando que esse gênio é o novo deus Dioniso⁶, descobridor e explorador. Esse deus, revelado por Nietzsche, possui a característica de ser diferente e transfigurador. Ele assume um duplo papel, tomando ele mesmo como um par dicotômico, pois não abandona o seu avesso. Estilisticamente, o gênio do coração não é pensado como o oposto dele mesmo, mas sim como uma transfiguração. Assim, ao decifrar essa provocação nietzschiana, podemos compreender que é preciso estar sempre se modificando.

O gênio do coração, segundo Nietzsche, não quer aprender com o homem, mas sim fazê-lo mais forte, mais maligno, mais profundo e também mais belo. Simbolicamente, o novo deus Dioniso quer mostrar a necessidade do homem de se superar, ou seja, de expandir suas forças. Assim, viver na concepção estética nietzschiana é reconhecer que a vida é *vontade de potência*, é ter o desejo de se expandir, diante de todas as vicissitudes da vida, num jogo de lutas constante, cheio de conflito. Rosa Dias (2011, p. 34) explica por que Nietzsche faz essa consideração: “a vida como *vontade de potência*, como eterno superar-se, é, antes de tudo, atividade criadora, e como tal é alguma coisa que quer expandir sua força, crescer, gerar mais vida”. Desse modo, entendo que não podemos viver a vida para a conservação e adaptação externa, mas sim para

⁶ Nietzsche, no livro *O nascimento da tragédia* (2008c), valoriza a linguagem estética como a mais nobre representação simbólica que atua na vida do homem, originária das forças naturais. Essa linguagem é representada pelas figuras dos deuses Dioniso e Apolo. Dioniso simboliza a embriaguez, a desmesura e a exaltação, comandando o ritual orgiástico, quebra toda medida, ultrapassa as limitações próprias de respeito às normas citadinas, também, celebra o momento da exaltação, adotando uma linguagem simbólica do encantamento, da reconciliação entre os homens e a natureza. Ele se coloca distante das regras instauradas. Já Apolo simboliza o equilíbrio, a razão e a luz, reina na bela aparência do mundo interior da fantasia, gerando as formas harmoniosas, o prazer, a “luz do sol”, o sonho e a beleza, reina em sua aparição a individualização, afirma a ordenação, a lembrança e a obediência, quer encontrar a verdade superior para achar a harmonia entre os homens, estabelecendo a medida, as regras, o comportamento e o equilíbrio. Eles são opostos, mas um não vive sem o outro. A coexistência dessas figuras representa a vida harmônica entre a medida e a desmedida, a busca do equilíbrio entre eles. A conciliação das características opostas representa, simbolicamente, as faculdades naturais da existência humana, entre o pensar e o sentir.

recriarmos e expandirmos nossas forças. Assim, é na diversidade e com a mudança que, segundo a perspectiva nietzschiana, ultrapassamos o conformismo.

Com base nessa concepção de Nietzsche de *vontade de potência* e por meio do simbolismo do *gênio do coração*, entendo que conviver com os iguais conforma, mas, com os diferentes, transforma. Para reconhecer o *gênio do coração* como uma figura simbólica da diferença e da mudança, seria preciso ultrapassar a linguagem verbal carregada da pretensa crença da verdade absoluta e esvaziada e, então, reconhecer as metáforas na linguagem do corpo. Pois, o uso da linguagem verbal de modo dogmático dificilmente contribuiria para a diferença, conseqüentemente igualaria o desigual.

Sobre a questão de igualdade, pensando no ensino-aprendizado de filosofia, observo que o aluno vivencia a diversidade nas aulas presenciais. Já no ensino a remoto, ao contrário, não se leva em consideração a diferença, pois se propõe um ensino para a massa. Esse ensino massificado pode ser compreendido no conceito de *rebanho* desenvolvido por Nietzsche. Segundo Giacoia Junior (2006, p. 24), o “homem” de rebanho é um ser “igualitário e uniformizante; pois em um rebanho desconsideram-se principalmente as características singulares; cada indivíduo vale e é contado unicamente como exemplar da espécie, nunca pelo que é intrinsecamente”. Nesse sentido, sou testemunha de que na sala de aula as dificuldades são variadas no momento de ensinar e aprender filosofia, pois uns entendem rápido, outros não; alguns dominam a língua materna, outros não; uns são expansivos, outros não. É impossível atingir todos da mesma maneira. É preciso conhecer em que ponto o outro é diferente, capaz ou não de compreender.

Muitas vezes é necessário atender o aluno individualmente. Se nas aulas presenciais, nas quais ocorre o encontro entre professor e aluno, alguns não alcançam o entendimento, no ensino remoto, menos ainda. Então, observo que ensinar remotamente da mesma maneira para todos não resultaria em uma igualdade do conhecimento, pois os alunos não são iguais nem possuem as mesmas habilidades. Por outro lado, no ensino presencial, a partir do encontro entre as duas linguagens (verbal e corporal), é possível promover a comunicação e o diálogo entre os desiguais, proporcionando a autossuperação.

Entendo que tanto nas aulas presenciais quanto nas aulas a distância é difícil ensinar e aprender filosofia. Todavia, reconheço que, no âmbito das aulas presenciais de filosofia nas escolas públicas, acontece o encontro com o diferente. Assim, para continuar refletindo sobre o encontro, em seguida analisaremos o prólogo do livro *A gaia ciência* na perspectiva do encontro da ciência como um saber alegre e da arte como afirmação da vida em fluxo.

3. O encontro com a vida: um saber alegre e a arte de viver

Nietzsche considera que a filosofia é a arte da transfiguração. Assim, para ele, é inadmissível que um filósofo acredite na separação de *corpo e mente*, pois no ato de filosofar está em jogo a dualidade de pensar e agir. Então, pode-se dizer que a combinação do pensar e do agir contribuiria para se alcançar uma *educação superior*, isto é, um saber que conjuga *corpo e mente*. Contudo, na concepção Nietzsche (2008b), para chegar à *educação superior*, seria preciso incorporar um saber alegre. Dessa maneira o homem seria capaz de possuir um *cérebro duplo*, “como que duas câmaras cerebrais, uma para perceber a ciência, outra para o que não é ciência” (*idem*, p. 158). Assim, para filosofar seria necessário que os sentidos e as ideias se enlaçassem num movimento de contínua mudança de forças.

Há nesse aspecto um jogo de força para a criação, que se processa entre a ciência e a arte, para se chegar ao saber alegre. Acredito que a filosofia ganha um olhar especial, diferenciado das outras “disciplinas”, no momento em que concebe nesse jogo de forças uma perspectiva holística, uma atenção especial à vida cotidiana, ao *humano* enquanto duplicidade. Para Nietzsche, o verdadeiro filósofo não se dá o direito de separar, na vida, *o conhecimento da paixão*, pois, como já foi dito anteriormente, a vida é *vontade de potência*, jogo de forças e expansão.

A vida ocupa um lugar preponderante na filosofia nietzschiana, uma vez que, para o filósofo, viver significa transformar continuamente tudo que somos. Contudo, essa transformação não pode se tornar um sofrimento. Com esse olhar, ele considera que a vida deve ser sempre afirmativa, mesmo na doença. Nietzsche (2007a, p. 14) afirma que “da enfermidade, da grave suspeita voltamos renascidos, de pele mudada, mais suscetíveis, mais maldosos, com gosto mais sutil para a alegria”. Nesse sentido, a doença pode até inspirar o filósofo, quando o faz traspasar o seu estado físico fragilizado para a saúde. Nietzsche reconhece que é sempre possível se tornar um convalescente. Para isso é necessário ser um experimentador na vida, fazendo dela uma obra de arte.

Na experiência se multiplica o campo de visão, direcionando um olhar diversificado para as nossas ações. Nesse sentido, embora a experiência seja individual, ela permite uma vivência com o outro. No falar e no agir acontece o conhecimento, ou seja, uma dinâmica de articulação, interpretação e apropriação do saber. Por um lado, o conhecimento é experiência,

uma observação física, uma ciência prática, quando o homem fica atento ao comportamento do indivíduo na sociedade. Para Nietzsche, esse conhecimento tem um cunho moral, estabelecendo regras e normas no âmbito social. Por outro lado, o conhecimento é afeto, mas só é puro quando é autêntico e sincero, pois vem de si e por si, ou seja, um conhecimento interessado, que o indivíduo projeta para dentro, fazendo um experimento consigo. Afeto, para Nietzsche, é o privilégio da sensibilidade. Por isso, quando afirma que ainda “temos que parir nossos pensamentos em meio a nossa dor dando-lhes maternalmente todo o sangue, coração, fogo, prazer, paixão, tormento, consciência, destino e fatalidade que há em nós” (*ibid.*, p. 13), ele quer mostrar que o conhecimento pode se tornar o mais potente dos afetos, numa vida em expansão. Sobre isso, diria que viver “significa para nós transformar continuamente em luz e flama tudo que somos, e também tudo que nos atinge; não podemos agir de outro modo” (*id.*). Dessa maneira, ao afirmar que “não somos batráquios pensantes, não somos aparelhos de objetivar e registrar, de entranhas congeladas”, defende que não somos um corpo materializado, mas sim uma multiplicidade de impulsos e afetos em um autoexperimento, reconstruindo-se incessantemente, ou seja, somos criativos.

Após essas análises, compreendo que para aprender e ensinar filosofia é preciso interligar a experiência com o vivido e incorporar um saber alegre, ou, parafraseando Nietzsche, *uma gaia ciência*. Nesse sentido, as ferramentas digitais não seriam viáveis para o ensino-aprendizado de filosofia, pois uma máquina não substituiria a experiência do encontro criativo. Para o filósofo alemão, o homem se torna pesado e fixado quando decide levar a vida demasiadamente a sério, não se permitindo ser criativo. A criatividade é pressuposto para o aprendizado do pensar por si, que é uma tarefa árdua, por três motivos: em primeiro lugar, porque é difícil se desvincular do óbvio, pois o ser humano tem a tendência de buscar o mais fácil; em segundo lugar, porque na nossa existência somos bombardeados de crenças consideradas imutáveis; e em terceiro lugar, porque nossos guias são raros. Com base nisso, seguiremos para o nosso próximo tópico do encontro consigo, analisando a questão da singularidade, *ser o que se é*.

4. O encontro consigo: ser o que se é

Nietzsche (2017, p. 15) escreve, na introdução da sua última obra, intitulada *Ecce homo*, a seguinte frase: “Ouçam-me sou tal e tal. Sobretudo não me confundam!”. Em seguida, declara que desde o início dos seus escritos tentou filosofar, pois, para ele, filosofia “é a busca de tudo

o que é estranho e questionável no existir, de tudo que a moral até agora banuiu”. Além disso, para o filósofo alemão, é preciso ter coragem para filosofar, e a consequência da coragem é “cada conquista, cada passo diante do conhecimento” (*ibid.*, p. 16). Contudo, para ter coragem é preciso ser simples, mas ao mesmo tempo duro consigo mesmo, pois manter a crença da existência do homem ideal, perfeito e dotado de uma essência, é uma opção pela covardia. Portanto, ele prefere ser o antípoda desse homem ideal.

Inspirada nesse pensamento de Nietzsche, entendo que a “disciplina” de filosofia busca promover o desenvolvimento da prática do exercício de pensar por si. Assim, apresento a seguinte questão: o aprendizado de filosofia provocaria no aluno um pensamento criativo, no qual é possível pensar por si? Para refletirmos sobre essa questão, analisaremos o sentido da citação *tornar-se quem se é*⁷, apresentada por Nietzsche no capítulo do livro *Ecce homo*, intitulado “Por que sou tão inteligente?”. Nele, o filósofo pergunta: “Por que sei algo mais? Por que sou tão inteligente?” (*ibid.*, p. 33). De acordo com o filósofo, o *ser o que se é* não significa saber quem se é, mas seguir um destino, ir em frente, buscando ultrapassar os próprios limites. Barrenechea (2014, p. 134) escreve que, de acordo com Nietzsche, isso quer dizer que “a cada segundo nosso ‘ser’ muda, na medida em que mudam nossas pulsões vitais. Então, ‘ser’ é sempre ‘chegar a ser’, já que a vontade de potência está em permanente movimento”.

Com esse movimento, Nietzsche salienta os desvios e os descaminhos para se chegar a *ser o que se é*, mostrando a estreiteza entre o homem e sua adversidade na vida. Ele escreve que *ser o que se é* “pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é. Desse ponto de vista, possuem sentido e valor próprios até os desacertos da vida, os desvios e vias secundárias” (NIETZSCHE, 2017, p. 46). O filósofo alemão afirma que muitas vezes é preciso esquecer. Para isso, ele considera que é necessário rejeitar o sentimento de culpa, porque ter culpa faz parte da moral, e isso representa um momento desvalorizador da vida.

No seu processo de pensar por si, Nietzsche revela que: “toda a leitura faz parte de minhas distrações: portanto, do que me desprende de mim mesmo, do que me faz passear por ciências e almas alheias – que não mais levo a sério. A leitura me distrai justamente da minha seriedade” (*ibid.*, p. 38). Desse modo, lê nas horas vagas e, nas horas de estudo, esquece os livros, para que assim liberte seus pensamentos para a criação. Ele destaca que pensar por si requer deslocar-se do hábito. Nesse caso, o filósofo quer mostrar que as escolhas são

⁷ Nietzsche se aproxima da máxima de Píndaro, poeta grego, “*Genói hoios essi*”, para se referir ao desejo unido à realização, a noção de coragem, de expandir e crescer.

comandadas por dois instintos: autopreservação e autodefesa. Esses instintos teriam para ele duas formas de inteligência: a primeira, de enfrentar e aprender com as vicissitudes da vida, e a segunda, de se superar diante das mesmices. Isso representa um modo de agir provocativo, que pressupõe ter coragem, desviando-se do que não o faz crescer. Caso contrário, haveria um empobrecimento de si, transformando-se num reagente.

O reagente evita os desvios e os descaminhos. Ele representa aquele que não tem mais capacidade de pensar por si, pois somente reage a partir do pensamento do outro ou de alguém que pense por ele. Nietzsche apresenta como exemplo disso a dependência excessiva do livro. Em suas palavras, isso representa “o erudito que no fundo não faz senão ‘revisar’ livros [...] e acaba por perder totalmente a faculdade de pensar por si” (*ibid.*, p. 45). Para ele, é necessário tomar distância para se chegar ao entendimento. Não devemos nos tornar um erudito, ou seja, aquele que “mói” o livro, pois dessa forma não se é capaz de ser criativo. Logo, para chegar a ser criativo, é necessário primeiro “ruminar” a leitura, lendo e retomando, para que o lido seja recriado.

Após o exame desse escrito nietzschiano, ressalto a importância da singularidade e da autenticidade. Contudo, em relação ao ensino-aprendizado de filosofia, não basta ter forças sozinho, precisamos seguir os *mestres*. Faz parte da função do professor ser o modelo e despertar a vontade de aprender. No entanto, em seguida, o aprendiz precisa renegar o *mestre* e superá-lo. Nesse sentido, há um jogo de forças entre afirmar e negar. Nas palavras de Nietzsche (2017, p. 49): “a vida ficou fácil para mim, e tanto mais fácil por exigir de mim o mais difícil. [...] Minha fórmula para a grandeza no homem é o *amor fati*”⁸. Dessa maneira, é primordial valorizar a criatividade, a simplicidade e a coragem no ensino-aprendizado de filosofia. Para isso, é preciso tomar distância, viver o jogo da vida e recriar. Ele afirma que esse jogo “é, como indício de grandeza, um pressuposto fundamental” (*ibid.*, p. 49). Assim, ensinar e aprender filosofia estão direcionados ao saber jogar, construindo e destruindo as ideias formatadas, por meio de uma comunicação dialógica, como um castelo de areia.

5. Considerações finais

⁸ Na concepção de Nietzsche, *amor fati* (termo latim que significa amor ao destino), significa dizer sim para a vida. O que justificaria toda a existência humana.

Na inquietude do contexto de isolamento social que nos foi imposto devido à pandemia, escrevi este artigo absorvida pela insatisfação de ter que ministrar aulas remotas de filosofia para o Ensino Médio em uma escola pública do Rio de Janeiro. Exponho minha insatisfação com dois motivos: primeiro, por não haver encontro presencial no ato de filosofar e, segundo, pela carência de troca de saberes.

Com o início das aulas remotas, me deparei com a dificuldade dos alunos quanto ao entendimento dos textos e das tarefas propostas, pois a troca ficou prejudicada. Além disso, enfrentei um grande impasse e fiquei desorientada ao usar as ferramentas tecnológicas nas aulas *on-line*. A plataforma que utilizamos é a *Google Classroom*. O Governo, embora tenha disponibilizado essa plataforma com ferramentas virtuais avançadas, como a videoconferência, não possibilitou o acesso à internet para a maioria dos alunos e professores. Os professores, muitos deles com idade avançada, não têm conhecimento, experiência e paciência para utilizar essas ferramentas. Além disso, alguns deles não possuem nem mesmo acesso à internet. Quanto aos alunos, apesar de dominarem os recursos tecnológicos, muitos deles não conseguem acessá-los de um telefone, não têm computadores e, muitas vezes, não possuem um lugar adequado para o estudo.

Nesse cenário de caos, o mais preocupante sobre a implantação do ensino remoto é a exclusão. Além disso, tem-se o aspecto psicológico, do medo e das incertezas sobre a doença Covid-19. Vivemos momentos tristes de perdas de pessoas e dificuldade financeira. Logo, a pretensa proposta de ensinar a todos apresenta um resultado contraditório: a exclusão. Pois, não se alcança o diferente, não se estimula a criação nem se promove a autossuperação. Por isso, não acredito que seja possível promover um ensino-aprendizado de filosofia de qualidade sem o encontro físico entre professores e alunos, pois entendo que o encontro, conjugando *corpo e mente*, é, ainda, a melhor maneira para ensinar e aprender a filosofar.

O fio de *Ariadne*⁹ que segui por este labirinto de ideias sobre a educação a distância e a presencial levou-me a refletir sobre a importância do encontro no ensino-aprendizado de filosofia a partir de uma comunicação dialógica entre mente e corpo. Nesse caminho, me apoiei nos escritos de Nietzsche, filósofo crítico da educação de massa e defensor da vida como fluxo e refluxo. Busquei nesse trajeto analisar o conceito nietzschiano de *o gênio do coração* e do

⁹ Conta a lenda que Ariadne se apaixona por Teseu. Por isso ela o salva, oferecendo ao seu amado um fio condutor que o guiará de volta para fora do labirinto (GUIMARÃES, 2010, p. 71).

cérebro duplo até chegar ao *pensar por si*, relacionando com as perspectivas sobre a diferença, a criação e a autossuperação, negando a dualidade entre *mente e corpo*.

Por meio da linguagem metafórica desses escritos nietzschiano, percebi que com o encontro dos diferentes é possível acontecer a mudança. Nietzsche me fez enxergar que é necessário perceber a plasticidade da linguagem simbólica, como, por exemplo, a do novo deus Dioniso, nomeado por Nietzsche como *gênio do coração*, que, por um lado, representa a duplicidade, simbolizando a diferença, e, por outro, a mudança, de um futuro da fortitude, desenvolvendo no indivíduo a *vontade de potência*. Com esse olhar, refleti sobre a força do encontro e compreendi que no ensino remoto se prioriza a fixação dos conteúdos, pois assim se pretende ensinar tudo a todos. Nessa perspectiva, vejo que, no cenário atual da educação, a formação vem sendo privilegiada em detrimento da transformação. Contudo, na aula presencial, há no encontro do professor com o aluno a esperança da transformação de si. Nesse encontro, o professor é aquele que vê na diferença a possibilidade da troca de conhecimentos e conseqüentemente da mudança. Além disso, enxergar o professor como *guia* é pensar que ele poderá fazer brotar no seu aluno a vontade de ultrapassar suas próprias forças.

Compreendi que na perspectiva da figura do filósofo dotado do *cérebro duplo*, Nietzsche mostra que para conceber um saber alegre seria preciso permanecer entre os dois lados do saber: o da ciência e o da arte. Isso provocaria um deslocamento da linguagem dogmática, que defende uma verdade inquestionável, para a linguagem criativa, que promove a experimentação. Nessa óptica, pensei na minha insatisfação em relação à oferta de aulas por meio de ferramentas digitais, quando o professor converte o aluno num receptor e promove um conhecimento engessado. Entendi que mesmo que algumas ferramentas virtuais, como a videoconferência, proporcionem um encontro, perde-se o encanto da troca, pois os sentidos ficam gelados. Logo, as ferramentas virtuais não serão capazes de substituir o encontro do professor com o aluno em sala de aula. No ensino-aprendizado remoto de filosofia desaparece o indivíduo de *cérebro duplo*, pois permanece somente o lado da ciência, do saber fixo, e se extingue o saber em fluxo, o lado da arte.

Assim, defendo neste artigo o encontro dos sentidos, mais próximo, vivo e aparente, para proporcionar a experiência da troca de olhares, gestos e afetos, em que se configura a experiência da comunicação dialógica, juntando as duas linguagens: a verbal e a corporal. Um modelo de ensino-aprendizado da filosofia para fomentar a singularidade e desenvolver o exercício de pensar por si.

Por tudo isso, fica a questão no ar: seria a filosofia uma “disciplina” especial? A resposta estaria no enigma que cada um tem sobre os olhos – as experiências cotidianas, que muitos ignoram, pois elas são simples, mas ao mesmo tempo complexas, um labirinto que envolve os sentidos e a razão. Penso que no ensino-aprendizado de filosofia há um desejo de aquietar-se, ficar só, mas, ao mesmo tempo, também há a vontade de ter o outro para recriar o próprio pensamento. Ou seja, na “disciplina” de filosofia, ultrapassando o sentido único de somente se comunicar, desenvolvemos uma metodologia de mão dupla, analítica, criativa e crítica, que é possível apenas na interatividade com o outro e com o mundo. Nesse sentido, entendo que é preciso abarcar as situações diversas para ver a vida como obra de arte, pois, quando se acredita que tudo permanece igual, negamos o fluxo e o refluxo na vida.

6. Referências bibliográficas

BARRENECHEA, Miguel Angel. **Nietzsche e a liberdade**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

DIAS, Rosa. **Nietzsche**, vida como obra de arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche como psicólogo**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário da mitologia grega**. São Paulo: Cultrix, 2010.

MARTON, Scarlett. **Nietzsche, seus leitores e suas leituras**. São Paulo: Barcarolla, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo**. *Como alguém se torna o que é*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

_____. **Além do bem e do mal**. Trad. e posfácio de Mário Ferreira dos Santos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Consideraciones intempestivas**, 1. David Strauss, el confessor el escritor. Madri: Alianza, 2009a.

_____. **Wagner em Bayreuth**: quarta consideração extemporânea. Introdução, trad. e notas de Anna Hartmann Cavalcanti. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009b.

_____. **Aurora**. Trad.: Mário D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a.

_____. **Humano demasiado humano**. Trad. e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008b.

_____. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. Trad.: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008c.

_____. **A gaia ciência.** Trad., notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

_____. Sur l'avenir de nos établissements d'enseignement. In: **Oeuvres Philosophiques Complètes.** Trad. do alemão: Jean-Louis Backes, Michel Haar e Mrc. B. de Launay. Paris: Gallimard, 1973. Edição brasileira: *Escritos sobre educação.* Introdução, trad. e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2007b.

_____. **O livro do filósofo.** Trad.: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2004.

_____. **Segunda consideração intempestiva,** da utilidade e da desvantagem da história para a vida. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Deliberação CEE nº 376, de 23 de março de 2020.** Disponível em: http://www.cee.rj.gov.br/deliberacoes/D_2020-376.pdf. Acesso em: 16 maio 2020.